

**UNIVERSIDADE E ESCOLA: PARCEIROS NA BUSCA DO SUCESSO EM
ALFABETIZAÇÃO**

Onaide Schwartz C De Mendonca, Lisandra Carla Orlando Fabris, Luciana Ambrosio
Baraldo, Mara S. P. Cabral Do Amaral, Maria Madalena Pinheiro

Eixo 3 - Formação do professor alfabetizador
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Este trabalho discute a alfabetização e apresenta resultados de execução de Projeto de Alfabetização na Rede Municipal de Presidente Prudente que, através da parceria Escola municipal/Universidade/PIBID-CAPE-S-Governo Federal, tem conseguido resultados relevantes para a melhoria do ensino/aprendizagem da leitura e da escrita através da proposta do método sociolinguístico de alfabetização. Com o objetivo de fundamentar o trabalho e despertar o senso crítico dos envolvidos, a metodologia do projeto consistiu de reuniões semanais para estudo de textos de diversos autores, bem como orientações sobre a aplicação da nova proposta de alfabetização. Implantada em 2012 a proposta fundamentada em Paulo Freire e Emilia Ferreiro alfabetizou mais de 3400 alunos com até sete anos de idade em um ano letivo, por meio de atividades didáticas específicas que levam a criança ao domínio da base alfabética da língua, pois propõe estratégias para alunos em diferentes níveis de escrita. Nesse contexto, além de acompanhar o desenvolvimento das crianças nessa nova proposta de ensino, os bolsistas PIBID aprenderam a elaborar, aplicar atividades e orientar aquelas crianças que apresentavam severas dificuldades de aprendizagem e, com isso, aprenderam a alfabetizar. Em 2012, 72,61% dos alunos matriculados no 1º. Ano concluíram o ano letivo alfabetizados e 87,64% dos matriculados no 2º. Ano, alfabetizados e produzindo bons textos. As professoras, orientadoras, diretoras e a supervisora de ensino envolvidas com o projeto afirmam que esta foi a proposta que alfabetizou com mais qualidade e eficiência até o momento e que a presença dos bolsistas enriquece ainda mais o trabalho. Palavras-chave: Alfabetização; Método Sociolinguístico; PIBID.

UNIVERSIDADE E ESCOLA: PARCEIROS NA BUSCA DO SUCESSO EM ALFABETIZAÇÃO

Profa. Lisandra Carla Orlando Fabris; Profa. Luciana Ambrósio Baraldo; Profa. Maria Madalena Pinheiro; Mara Suzete P. C. do Amaral. SEDUC/Pres. Prudente; Onaide S. Mendonça. UNESP - FCT/Pres. Prudente. CAPES

O presente trabalho objetiva discutir a alfabetização apresentando a metodologia que hoje vem sendo utilizada na rede municipal de ensino de Presidente Prudente, a fim de mostrar que é possível promover um ensino de qualidade por meio do qual é possível alfabetizar mais de 70% das crianças já no 1º. Ano. Pretende comunicar resultados da parceria que vem sendo desenvolvida entre escolas municipais e a Faculdade de Ciências e Tecnologia, FCT/UNESP. Visa, ainda, falar sobre a importância de inserir bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID - CAPES/MEC/ UNESP) no contexto de sala de aula para que aprendam a alfabetizar com eficiência.

O fracasso em alfabetização no Brasil não é novidade. Este problema motivou docente da FCT/UNESP a socializar sua experiência de 10 anos como alfabetizadora na rede estadual paulista e, em 2011, teve início um Projeto Piloto de Alfabetização baseado no Método Sociolinguístico (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009), em duas escolas municipais de Presidente Prudente. Os professores daquelas Unidades fizeram um curso com a autora para subsidiar a aplicação da metodologia e os resultados foram tão exitosos que em 2012 esse trabalho foi oferecido a toda a rede de ensino e os resultados, mais uma vez, mostraram a eficiência da proposta.

Em 2011 a Secretaria de Educação demonstrava grande preocupação com o percentual de crianças que chegava aos quintos anos não alfabetizadas, porém com dificuldade em estabelecer ações efetivas que garantissem o sucesso delas na alfabetização. Isto ocorria pelo fato de que a Rede Municipal não desenvolvia nenhuma metodologia específica, em razão de divergências teórico/metodológicas entre profissionais da educação que resistiam a qualquer sistematização do ensino. Nesse contexto havia a necessidade de se encontrar uma metodologia de alfabetização que desse suporte a toda a rede.

Assim, a Secretaria Municipal de Educação, contando com a colaboração da docente da FCT/Unesp, promoveu cursos de formação aos professores de 1º e 2º ano, para implementação do Método Sociolinguístico de Alfabetização (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009).

Os materiais disponíveis à rede até então eram fundamentados apenas em equívocos decorrentes da teoria construtivista de aprendizagem, Psicogênese da língua escrita, e recomendavam atividades nas quais as crianças tinham que recitar ou cantar o alfabeto, memorizar pequenos textos como parlendas, poesias, poemas para depois ditar esses conteúdos ao professor que deveria reescrevê-los na lousa, a fim de serem copiados pelas crianças. Enfim, uma metodologia que não continha unidade e desprezava o ensino dos conteúdos específicos de língua, deixando sob responsabilidade da criança, ao invés de compreender o processo de escrita, decorar textos inteiros.

Ocorre que, no Brasil, após desconsiderar o uso das cartilhas teve início um trabalho único e engessado amparado na teoria “construtivista”. Deste modo, ao longo dos últimos 30 anos, o construtivismo foi transformado em espontaneísmo, fato que resultou no fracasso escolar denunciado regularmente pelos resultados do IDEB, PISA e pela prova ABC realizada em 2011 nas capitais brasileiras.

A preocupação construtivista apenas com o “processo da aprendizagem” induziu secretarias de educação a abolirem o “ensino” das salas de alfabetização. Desse modo, a falta de habilidade em propor atividades de ensino, a partir dessa teoria, gerou diversos equívocos, como o de não ser necessário nenhuma forma de intervenção no processo de alfabetização para que a criança avance. Assim, uma vez detectado o nível de escrita em que estava, o aluno era abandonado, pois acreditava-se que avançaria sozinho para o nível posterior, “construindo” (ênfase no processo) seu próprio conhecimento.

Outro equívoco era o de pedir para que o aluno sempre escrevesse do seu jeito. O sistema de escrita é padrão, portanto, não dá para se escrever do jeito que se “acha” que escreve, pois é necessário seguir a ortografia estabelecida.

O professor não podia corrigir os erros dos alunos para não intimidá-los. Entretanto, sabe-se que é perfeitamente possível corrigir alguém, orientando com educação, sem ofender ou intimidar. É senso comum que só aprende a escrever bem quem tem a felicidade de contar com alguém que sabe mais, disposto a corrigir seus textos.

Outro equívoco comum era o de se acreditar que os alunos aprendiam só de observar o professor escrevendo na lousa. Ver o professor escrever na lousa é importante, pois o ato explicita a direção da leitura e da escrita (de cima para baixo, da esquerda para a direita), o caminho a ser percorrido para traçar as letras corretamente, o que se faz quando termina a linha etc., mas só isso não basta para explicitar o funcionamento do sistema de escrita que é complexo e sofisticado.

Outro mito era o de que só se aprende a ler com qualidade através de suportes textuais, sem ensino sistematizado e de que apenas a literatura infantil é capaz de despertar o senso crítico nos alunos.

Afinal, mencionamos o preconceito contra a sílaba. Alguns profissionais da educação ainda não perceberam que apesar da escrita da língua portuguesa ser alfabética, sua oralidade é silábica, pois pronunciamos sílabas e não fonemas isolados. Entretanto, a falta de experiência em sala de aula levou secretarias de educação a proibirem o ensino das sílabas, fato que retarda o processo de aprendizagem da criança. Deste modo, a escola pública que deveria promover o conhecimento às camadas populares tem trabalhado contra as crianças impedindo-as de aprender.

Segundo Mendonça (2009), a pesquisa:

(...) de Ferreiro e Teberosky tem como mérito, para a alfabetização, a revelação dos níveis e das hipóteses que são elaboradas pelo alfabetizando, em seu processo de construção e aquisição da escrita. A reação lógica esperada do alfabetizador seria a de que, de posse desses conhecimentos, compreendesse automaticamente a essência dos “erros” cometidos pelos alunos, e, o que é mais importante, soubesse como intervir no processo, para que o sujeito avançasse. De modo que, se o aluno apresentasse amostras de escritas que demonstrassem estar no nível pré-silábico, registrando desenhos em vez de letras, por exemplo, o professor desenvolvesse atividades que fizessem o aluno perceber que está equivocado em sua hipótese e compreendesse a necessidade do uso de letras, ao escrever.

De forma semelhante, se o aprendiz apresentar escritas de nível silábico, registrando apenas uma letra para cada sílaba, ainda que com o devido valor sonoro (SBA-CEBOLA), o professor deveria intervir com atividades que explorassem a sílaba, para que o aluno avançasse em seu processo de aprendizagem. (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. 2009, p.69).

Porém, o preconceito descrito gerou críticas e repressão aos professores que ensinavam a composição silábica. Muitos, ainda hoje, ensinam “escondido” procurando ajudar as crianças a compreenderem corretamente o sistema de escrita alfabético, do contrário, o fracasso constatado nas pesquisas seria ainda maior.

A necessidade de mudança, ou seja, a busca por um método de alfabetização é discutida no artigo “A reinvenção da alfabetização”, por Soares (2003), quando expõe que antigamente havia um método sem teoria. Segundo a autora, hoje acontece o contrário, todos têm uma bela teoria construtivista para a alfabetização, mas não têm método. “Se antigamente havia método sem teoria, hoje temos uma teoria sem método. E é preciso ter as duas coisas: um método fundamentado numa teoria e uma teoria que produza um método”.

A partir do exposto encontramos na metodologia “sociolinguística” de alfabetização a união da teoria com a prática. Essa metodologia é:

(...) uma releitura das ideias de Freire, mostrando a atualidade de sua filosofia/metodologia de alfabetização, explicitando sua proposta de

forma esclarecedora e a ela acrescentando atividades consideradas complementares à alfabetização, ou seja, o uso de textos significativos veiculados socialmente na atividade didática do nível alfabético. (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. 2009, p. 73)

O Método Sociolinguístico é “sócio” porque parte da realidade da criança estimulando o diálogo e o debate conscientizador, e é linguístico, porque ensina os conteúdos do sistema de escrita alfabética, indispensáveis à formação do leitor autônomo, como ensinamentos de Paulo Freire.

Aos passos, ou sequências didáticas, propostos por Freire estão associadas atividades dos níveis de escrita decorrentes da teoria de aprendizagem Psicogênese da língua escrita, de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. As atividades propostas por Mendonça (2009 e 2013) para os diferentes níveis de escrita visam uma alfabetização mais eficiente que desenvolve a consciência social, silábica e alfabética, garantindo a aquisição e o domínio da leitura e da escrita, bem como seus usos sociais para exercício pleno da cidadania.

A metodologia é estruturada a partir de palavras geradoras que devem ser definidas conforme os critérios estabelecidos por Freire (1980), de partir da realidade do aluno, ter teor de conscientização, produtividade fonêmica e gradação de dificuldade (partir do simples para o complexo) sem deixar de informar o aluno sempre que este solicitar.

Deste modo são estabelecidos quatro grandes passos para a aplicação da metodologia: *Codificação* (é a representação de um aspecto da realidade expresso pela palavra geradora, por meio da oralidade, desenho, dramatização entre outras), *Descodificação* (é a releitura da realidade expressa na palavra geradora para superar as formas ingênuas de compreender o mundo), *Análise e Síntese* (realização dos processos de análise e síntese da palavra geradora, objetivando levar o aprendiz à descoberta de que a palavra escrita representa a palavra falada, através da divisão da palavra em sílabas e apresentação de suas famílias silábicas na ficha de descoberta e, a seguir, a síntese, com a junção de sílabas para formação de novas palavras, levando o alfabetizando a entender o processo de composição e os significados das palavras, por meio da leitura e da escrita) e, afinal, a *Fixação da Leitura e da Escrita* (neste passo, além da revisão da análise das sílabas da palavra geradora, propõe-se atividades de leitura e interpretação de textos, ditados, composição de frases e textos com leitura e escrita significativas).

O método Sociolinguístico de alfabetização propicia aos alfabetizados a transformação da consciência ingênua em consciência crítica, através dos passos da “Codificação” e “Descodificação” que apresentam os usos sociais da leitura e da escrita.

Assim, os grandes passos permitem aos alunos o desenvolvimento crítico de sua visão de mundo e a percepção de sua realidade social.

Em 2012 essa proposta foi oferecida pela Secretaria de Educação a toda a rede de ensino e, ao final, as sondagens para verificação dos níveis de aprendizagem mostraram a evolução das crianças. As atividades foram orientadas pela docente da universidade, mas elaboradas e aplicadas pelos próprios professores, conforme rotina de avaliação da Secretaria de Educação.

Quanto à alfabetização, na maioria das vezes a sondagem contava com ditado mudo (folha contendo cerca de 16 imagens para serem nomeadas) e uma produção de texto. A produção escrita das crianças era analisada e classificada de acordo com os níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, descritos na Psicogênese da língua escrita. Os resultados de cada avaliação, por sala e por escola, eram enviados à Secretaria. No final do ano os dados de todas as escolas foram tabulados. Ao todo foram aplicadas cinco sondagens: fevereiro, maio, julho, setembro e dezembro como mostram as tabelas que seguem.

Para maior clareza apresentamos suas legendas:

PS= nível pré-silábico.

S = nível silábico no qual o aluno grafa uma letra para representar cada sílaba com correspondência sonora.

SA= silábico-alfabético

A= alfabético

1º ANO

1º ano	PS	%	S	%	SA	%	A	%	No. total de alunos
1ª SOND. FEV.	1245	67,62	363	19,71	149	8,09	84	4,56	1841
2ª SOND. MAI.	565	31,44	536	29,83	371	20,64	325	18,09	1797
3ª SOND. JULHO	237	12,87	415	22,54	484	26,29	705	38,29	1841

4ª SOND. SET.	144	8,56	212	12,61	348	20,70	977	58,12	1681
5ª SOND. DEZ.	73	4,35	157	9,37	229	13,67	1216	72,61	1675

2º ANO

2º ano	PS	%	S	%	SA	%	A	%	No. total de alunos
1ª SOND. FEV.	279	15,00	270	14,52	341	18,34	969	52,12	1859
2ª SOND. MAI.	126	6,94	189	10,41	275	15,51	1225	67,50	1815
3ª SOND. JULHO	74	3,98	129	6,93	221	11,88	1435	77,19	1859
4ª SOND. SET.	49	2,80	117	6,68	123	7,03	1460	83,47	1749
5ª SOND. DEZ.	34	1,97	79	4,59	100	5,80	1510	87,64	1723

Participaram desta pesquisa mais de 3700 crianças, mas para efeito de análise foram utilizadas apenas as amostras de escrita daquelas (3400) que participaram das cinco atividades de sondagem. A análise dos dados do 1º. Ano revela que em fevereiro, na primeira sondagem, dos 1841 alunos matriculados apenas 4.56% estavam alfabetizados, e em dezembro, **72,61%** já dominavam a leitura e a escrita. Quanto aos alunos do 2º. Ano, a primeira sondagem mostrou que **52,12%** estavam alfabetizados e, ao final, **87,64%** estavam plenamente alfabetizados.

Entretanto, apesar da seriedade e eficiência, já comprovadas, dessa proposta metodológica, muitos professores encontram dificuldades em aplicá-la, pois têm

dificuldade para dialogar com as crianças e vão direto para a parte prática da silabação, o que prejudica a aprendizagem e demonstra falta de conhecimento em estabelecer a relação entre a proposta pedagógica do método sociolinguístico e as atividades de sala de aula. Observa-se que falta conhecimento para preparar as atividades orientadas pela metodologia, o que os leva a querer tudo pronto. Ainda, há o excesso de materiais didáticos disponíveis nas escolas e os professores têm dificuldade em selecionar o que é preciso e adequado a sua realidade.

A tendência de evitar o diálogo é percebida junto aos professores como forma de manter a disciplina da sala, porque não sabem orientar o diálogo nem percebem a sua importância. Sabe-se que esse é o melhor caminho para se ensinar respeito, por exemplo, pois quando o professor ouve os alunos está ensinando esse conceito na prática. Entretanto, muitos ainda consideram esse momento como perda de tempo, o que resulta na exclusão da parte motivadora da aprendizagem recaindo em um trabalho típico de cartilha que exclui o primeiro e segundo passos do método Sociolinguístico de Alfabetização. Por outro lado, por vezes professores suprimem o diálogo em razão de salas numerosas ou de alunos diagnosticados com transtornos de aprendizagem. É preciso que os administradores revejam essas questões.

No entanto, apesar da resistência de alguns às mudanças, a fim de contribuir ainda mais, por intermédio do PIBID, três docentes da FCT/UNESP elaboraram projeto que levou licenciandos em Pedagogia às escolas para que, ao mesmo tempo em que estivessem aprendendo a ensinar, contribuíssem com escolas públicas ao participar de atividades de apoio. Quem aprende a ensinar pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem, ensina as demais facilmente.

Assim, em agosto de 2012 teve início o desenvolvimento do subprojeto da área de Pedagogia, “Alfabetização: aprendendo a alfabetizar”, composto por uma coordenadora, duas docentes colaboradoras, 40 bolsistas, 4 supervisoras (professoras da rede municipal), e uma supervisora de ensino da Secretaria de Educação do município que vem acompanhando os trabalhos e participando das reuniões semanais.

Os quarenta bolsistas foram distribuídos entre três docentes da Universidade, a coordenadora e duas colaboradoras. Os 15 bolsistas de alfabetização começaram a atuar no apoio de crianças com dificuldades de aprendizagem em três unidades escolares da Secretaria Municipal de Educação, tanto na produção como na aplicação de atividades contidas na proposta metodológica (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2013). Além dos 15 orientandos, o grupo de alfabetização contou com o apoio de dois professores supervisores da rede municipal, com a presença de uma orientadora pedagógica e de uma supervisora de ensino da SEDUC (Secretaria de Educação).

Esse grupo se reúne semanalmente na Universidade com a finalidade de estudar conteúdos referentes ao tema, contar experiências vividas na escola, discutir dúvidas dos bolsistas e buscar soluções para melhorar ainda mais o atendimento. Sempre que necessário, os diretores das escolas são convidados a participar também.

Sabe-se que em uma sala de aula com 30 alunos, uma média de dez aprendem com facilidade, 15 precisam ser orientados muito mais, e em torno de cinco crianças precisarão de atendimento individualizado, do contrário sairão analfabetos ao final do 9º. ano da Educação Básica. É com esses 5 alunos, de várias salas, que os bolsistas PIBID têm trabalhado, conquistando sua confiança e aplicando as atividades supervisionadas pelos professores parceiros das escolas.

Para garantir a qualidade do atendimento, a cada duas bolsistas, as escolas procuram enviar em torno de 6 crianças de cada vez. O ritmo de aprendizagem varia e assim que um aluno aprende a ler e escrever com segurança é substituído por outro colega, pois já tem condições de acompanhar o ritmo normal da sala onde está matriculado. A análise da produção escrita dos atendidos mostra que a maioria evolui rapidamente o que demonstra que quando há um número de alunos razoável por sala, quando o professor tem formação e metodologia adequada os alunos aprendem.

Afinal, concluímos que a parceria entre o Município e a Universidade tem apresentado bons resultados, pois os alunos do curso de Pedagogia estão tendo a oportunidade de comparar o que estudam na Universidade com a sala de aula. Assim, acabam aperfeiçoando sua formação à medida que compreendem a realidade de ensino/aprendizagem pela qual serão responsáveis depois de formados.

O Projeto também proporciona aos alunos dos anos iniciais uma nova oportunidade para encontrar o sucesso na aquisição da leitura e da escrita. A escola convive com situações complexas: mais de 30 alunos por sala, alunos com dificuldades e/ou transtornos de aprendizagem em avaliação, famílias desestruturadas que não acompanham a vida escolar de seus filhos e, muitos outros fatores sociais que invadem os portões da escola e que não podem ser ignorados. Nesse contexto, os professores receberam os alunos do Programa PIBID para lutar em conjunto por um mesmo objetivo: fazer o impossível para alfabetizar todos.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a parceria entre a Universidade e o município é necessária e produtiva para promover mudanças metodológicas, formar bons professores e socorrer alunos que não conseguem aprender a ler e escrever.

Os resultados decorrentes da aplicação da metodologia “sociolinguística” demonstram que é possível mudar a realidade do fracasso escolar em termos de analfabetismo, absoluto e funcional, pois essa proposta além de ajudar as crianças a aprender com mais facilidade e rapidez, ainda possui um grande diferencial, que é

contribuir para a construção de uma visão mais crítica, observada tanto nos momentos de debate, como nas produções de textos mais ricos, decorrentes do trabalho dos passos da “Codificação” e “Descodificação”.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Conscientização, teoria e prática da libertação**: uma introdução às idéias de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização – Método Sociolinguístico**: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Alfabetizar as crianças na idade certa com Paulo Freire e Emilia Ferreiro**: Práticas socioconstrutivistas. São Paulo: Paulus, 2013.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 9, n.52, jul/ago, p. 15-21, 2003.